

## **A hospitalidade em espaço público de lazer: o Parque Municipal Lago Azul - Rio Claro, SP**

*Antônio Carlos Sarti<sup>1</sup>  
Laura Maria Mauro  
Luciana Rossi Moita*

**Resumo:** O século XXI aponta a importância do tempo livre para o ser humano, não somente para exercer o direito ao lazer como compensação à corrida frenética do cotidiano, mas como um espaço que se abre repleto de alternativas para o seu crescimento individual e social. Não somente nas grandes cidades, mas nas pequenas e médias, atualmente, verifica-se que a população anseia por espaços e lugares que possam não somente ser atrativos, física e psicologicamente, mas ainda, que possuam infra-estrutura e programas de uso decorrentes de políticas públicas que encaram o lazer não mais como mero recondicionador. Prevalendo o caráter social, dos espaços de uso público, mesmo aqueles erigidos pelo paradigma decadente, uma vez qualificados do ponto de vista da hospitalidade, ensejam novas oportunidades. Isso faz com que as pessoas, independente do interesse que buscam - cultural, social, manual, físico-esportivo, intelectual ou turístico -, sintam-se acolhidas no momento de sua chegada em determinado lugar e possam usufruir seu tempo de lazer com maior autonomia e qualidade. Em Rio Claro, SP, desenvolve-se, a qualificação do uso do Parque Municipal Lago Azul, paisagem e lugar de lazer e cultura, através da aproximação entre parque de uso público, lugar, lazer e hospitalidade.

**Palavras-chave:** Hospitalidade. Espaços Públicos de Lazer. Parque Municipal Lago Azul. Rio Claro. SP.

### **Introdução**

As cidades do século XXI tendem a ser diferentes uma vez que refletirão não somente as categorias de uso do espaço, mas aprofundarão a qualificação da apropriação, aproveitando todas as oportunidades para ampliar a dimensão do desenvolvimento da pessoa e da sociedade. O lugar, o lazer e a hospitalidade quando observados através de suas interfaces, sem as condicionantes funcionalistas, permitem encontrar alternativas de gestão de equipamento urbano como o Parque Municipal Lago Azul, em Rio Claro (SP). Ali, articulam-

---

<sup>1</sup> UNESP/UNIMEP. E-mail: [acasarti@unimep.br](mailto:acasarti@unimep.br)

se os conteúdos do lazer aos princípios do acolhimento, perpassados pela concepção de lugar de uso do espaço público que integra e complementa. Na complementaridade entre estes conceitos, encontram-se solução para harmonizar o Centro Cultural e o Parque Municipal Lago Azul.

### **A configuração do espaço**

O Parque Municipal Lago Azul, em Rio Claro, SP, teve origem no início da década de 1970 em obras de saneamento e combate a enchentes realizadas nas cabeceiras do córrego da Servidão, que atravessa a malha urbana no sentido N-SO. O córrego da Servidão é o marco de fundação da cidade pois, em sua margem direita, próximo ao Largo da Santa Cruz, faziam parada os tropeiros que demandavam o sertão, no século XVIII. Durante o século XIX, pelo incremento da cultura cafeeira a partir da utilização da estrutura fundiária gerada pelos engenhos de açúcar, a malha urbana de Rio Claro se expande e o córrego é incorporado à vida da cidade como condutor de águas servidas. Em suas várzeas instalam-se pequenas propriedades dedicadas à horticultura e criação de animais domésticos.

Até meados do século XX, depois de iniciado o ciclo da industrialização no município, o córrego recebe os efluentes industriais, como os da Cervejaria Caracu. Para facilitar as operações de transporte, teve o segmento de seu médio curso, fronteiro à indústria, canalizado em perfil fechado, em arco. O crescimento da cidade ao N aumentou rapidamente a quantidade de água pluvial na bacia de captação causando transbordamentos e transtornos às operações industriais.

Nos anos 1970, a administração pública decide pela canalização do córrego, em perfil fechado, quadrado, com dois canais paralelos, pesando, também, na decisão, a instalação de equipamentos urbanos como as escolas Ginásio Estadual Vocacional "Chanceler Raul Fernandes", o Ginásio Estadual "João Batista Leme" e a criação do Distrito Industrial, no prolongamento da Avenida Brasil. Com o represamento das águas pluvial e das nascentes formou-se o Lago Azul e, sobre o leito canalizado, se instalou a Avenida Visconde do Rio Claro.

No final da década de setenta, o local recebe o prédio do Centro Cultural "Roberto Palmari" e a implantação do sistema viário do entorno para, no início dos anos 1990, receber os investimentos mais significativos em equipamentos para oferta de atividades de lazer. Não

se excetuando quanto à dificuldade de localização da responsabilidade de oferecer atividades de lazer na estrutura da administração pública, concepção de lazer em área pública colocou, durante as últimas 4 décadas, a competência ora na órbita da Secretaria Municipal de Obras e Saneamento, ora na Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esportes e Turismo (Diretoria de Cultura).

No período seguinte, houve o desmembramento de competências e a área verde e seu espelho d'água passou a ser administrada pela Secretaria de Obras (Departamento de Serviços Municipais), tendo recebido o nome de Parque dos Imigrantes Italianos. O Centro Cultural, administrado pela Secretaria de Cultura, utiliza espaços do parque para eventos e outras atividades, consolidando e aprofundando uma divisão que permaneceu até o presente e contribuiu para a percepção dissociada entre os dois espaços de uso público.

Em fase atual, quando a Secretaria de Cultura assume o conjunto, a concepção de que a área verde, a superfície de água do Parque do Lago Azul e o prédio (e programação) do Centro Cultural conformam um único espaço de uso público, cria a oportunidade de incorporação dos conceitos de hospitalidade como recurso de aproximação e de mútua dependência, qualificando o uso do Parque Municipal Lago Azul.

Moita (2007), argumenta que desde a década de 1970 o Lago Azul vem sendo incorporado pela população à paisagem urbana da cidade, apresentando aspectos topofílicos e topofóbicos, ou seja, usuários e não-usuários ora sentem atração, ora repulsão através da percepção ambiental que têm, por meio de suas vivências e experiências com este lugar.

Estes aspectos advêm de fatores positivos, como o espaço, as áreas verdes, os diferentes equipamentos para recreação e entretenimento; e de fatores negativos, como mau cheiro exalado das águas e falta de infra-estrutura de segurança e iluminação, entre outros (MOITA, 2007).

O elo afetivo ou repulsivo do ser humano para com o lugar manifesta outras variações, podendo citar, dentre muitos fatores, a falta de conhecimento e informação das oportunidades de uso do tempo de lazer existentes. A falta de segurança, de iluminação e de melhorias nos aspectos construídos (campos e quadras esportivas, parque infantil, trilhas) e não construídos (lago, áreas verdes) em geral, além da total desconsideração quanto à hospitalidade no espaço público, contribuem para o distanciamento.

Este importante espaço público de lazer é considerado paisagem e lugar:

**Paisagem:** porção de um espaço real, representativo, descritivo e perceptivo; é um espaço público de lazer instalado no meio intra-urbano para usufruto da população, composto de elementos naturais e construídos evidenciando as relações dos elementos físicos, biológicos e antrópicos.

**Lugar:** pertence ao contexto histórico-cultural do município, e os elementos de sua paisagem – construída e não construída – são identificados por sua população para lazer e recreação, dando-lhe singularidade como lugar, podendo variar como um lugar atrativo ou repulsivo. (MOITA, 2007, p. 172).

Sendo assim, o lugar, o lazer e a hospitalidade integram-se, aprofundando a relação entre homem e seu meio ambiente, na busca de equilíbrio, bem-estar, qualidade de vida e oportunidades de desenvolvimento pessoal e social.

O lazer, identificado por Dumazedier (1974) como sendo uma necessidade do ser humano, está incorporado à Constituição Federal de 1988 como um direito. É uma conquista social que vai além do uso do tempo do não-trabalho, apenas como elemento recondicionador das funções produtivas.

A crítica a este paradigma coloca o lazer como ponto central na elaboração de políticas públicas que visam a melhoria na qualidade de vida e ambiental dos cidadãos, tornando crucial a dependência quanto às escolhas e preferências de como utilizar as horas de lazer, que, segundo Tuan (1983), ocorrem por meio das relações do ser humano com o lugar: se atrativas são topofílicas se repulsivas, de medo, de fobia, são topofóbicas (TUAN, 2005).

A concepção de autores como Vieira (1997, p. 09) que aceitam que “após uma jornada de trabalho, a pessoa tem o direito ao lazer, pois este é o tempo livre de que dispõe” acentua a dicotomia do tempo trabalho / não-trabalho, estimulando a progressão de uma visão compartimentada que subordina o direito ao lazer à utilidade de manter braços produtivos em funcionamento.

No atual patamar do paradigma emergente e do fracasso do modelo ideal de cidade, não cabe mais persistir na gestão do Parque Municipal Lago Azul como espaço criado com o objetivo de atender à necessidade de espaço livre de uso público destinado e equipado para recondicionar corpo e mente para a função do trabalho, através do lazer ai possibilitado.

Atualmente, deve-se considerar a utilização desta categoria de espaço urbano enquanto lugar que possibilita o lazer com conteúdo, que auxilia no desenvolvimento pessoal, constrói oportunidades diversas e amplifica a qualidade da vivência.

Contudo, deve-se também considerar que o parque público existente na realidade de nossas cidades é decorrente da aplicação do funcionalismo, com todas as conseqüências sobre o controle da livre expressão e do comportamento coletivo:

O parque público, como categoria de espaço livre de uso público, vai ganhar em importância não apenas pelo que representa como ganho de forma de controle e qualidade ambiental, mas também como uma tentativa de exercer progressivo controle sobre o comportamento e emoções da população. (SARTI, 2005, p. 2).

Esta concepção, derivada da imbricação entre salubrismo, controle social e parque público, hegemônica desde o século XIX quando Frederick Law Olmsted implanta o Central Park, em Nova York, gera a tecnologia de planejamento e administração que vem sendo reproduzida sem questionamentos razão suficiente para que se mantenha o sinal de alerta a todos quantos venham a ter oportunidade de intervir na gestão do espaço público de uso comum do povo. Os espaços são construídos e identificados a partir daquela concepção funcionalista e, fazê-lo transitar de um paradigma para outro exigirá detalhado planejamento e escolha de indicadores com os quais manter permanente processo de revisão de valores, objetivos, meios e indicadores de resultados que repercutirão sobre ações, definição de funções, treinamento, capacitação, atualização de programação, estabelecimento de parcerias e identificação de públicos potenciais ou em exaustão.

Sob o ponto de vista da hospitalidade quando em interação com o lugar e com o lazer, mesmo que se preserve a herança do atributo de controle social, a abertura à receptividade, acesso a informações, sinalização, mobiliário, abordagem, programação e composição paisagística, entre outros fatores, devem provocar no usuário a percepção do acolhimento, que é a premissa para a hospitalidade

Grinover (2007) define acolhimento como a somatória de comportamentos, políticas e técnicas que objetivam aproximação para que as relações humanas se realizem de forma qualificada. Logo, a exploração das interfaces lugar-lazer-hospitalidade pode abrir possibilidades inúmeras para inovar ou enfatizar soluções de gestão.

No contexto da qualificação do uso do Parque Municipal Lago Azul, o embasamento têmporo-espacial da hospitalidade humana construído por Camargo (2003), inclui o parque na categoria pública da hospitalidade e, sendo assim, possui duas funções chave: receber e entreter. Essas funções explicam-se por ser o parque um espaço público de livre acesso e, ao mesmo tempo, um espaço público de lazer e eventos.

Ademais, é relevante citar que a hospitalidade em espaços públicos se comunica com as ciências do urbanismo, no que concerne à sinalização e ao uso dos espaços, acentuando que

espaços livres de uso público são lugares para a vida coletiva e para a sociabilidade (GRINOVER, 2007).

### **Identificação dos conteúdos do lazer em relação ao lugar**

As áreas de lazer abrangem diversos conteúdos que, segundo Marcellino (2002) se distinguem em seis: interesses físico-esportivos, artísticos, manuais, intelectuais, sociais e turísticos.

A prática esportiva, passeios, caminhadas, pesca, exercícios ao ar livre, práticas corporais como *skate* e *gateball* constituem o campo de interesses físico-esportivos. Já as manifestações ligadas à música, à dança, às artes plásticas e visuais (cinema, vídeo, foto) que desencadeiam emoções e o ativam o imaginário, definem o campo dos interesses artísticos. Por sua vez, os interesses manuais se revelam na capacidade de manipulação em atividades como artesanato, jardinagem, *liuterie*, *bricolage*, modelagem, tecelagem, colagem, entre outros.

Os interesses intelectuais, associados à busca do conhecimento e informações, se concretizam em leituras, cursos, participação em eventos e na interpretação dos componentes da paisagem que conformam o espaço. A manifestação dos interesses sociais se dá em pontos de encontro como café, bar, recintos de fruição, enfim, locais onde está sobressalente a busca das pessoas por convívio social, contato, efetivação ou fortalecimento de relacionamentos.

O campo de domínio dos interesses turísticos está nos passeios, pois se busca a ruptura do cotidiano, a vivência de novas paisagens e experiências, mesmo que dentro da própria cidade. Efetivamente, o interesse turístico é a relação de alteridade com pessoas ou lugares, prevalecendo o prazer da fruição e da vivência.

O Parque Municipal Lago Azul é um espaço adequado para explorar a dimensão do desenvolvimento dos usuários mediante a vivência dos interesses do lazer, podendo-se apontar o espaço do parque como um todo onde se articulam o prédio do Centro Cultural, pensado como um centro de difusão da produção cultural, com o espaço externo predominantemente verde e com a presença de superfície de água, proposto como lugar de exploração das potencialidades individuais e coletivas da cidadania.

Desta maneira, em relação aos interesses físicos é razoável supor que se desenvolvam na área externa ao Centro Cultural, sem eliminar que atividades como alongamento, *yoga*, *tai*

*chi chuan* e outras, podem ser realizadas na área de transição entre o prédio do Centro Cultural e a área verde.

A mostra de expressões e manifestações artísticas desenvolvidas em outros espaços dedicados à produção é objetivo da existência do Centro Cultural; logo, deve haver área destinada para tais eventos que seja adequada quanto à iluminação, segurança, possibilidades de disposição das obras, área de circulação, tratamento de som e ruídos, ventilação, temperatura, umidade, sinalização, entre outros.

O Centro Cultural, localizado na ala oeste do parque é local de eventos e mostras culturais, como shows, espetáculos teatrais, exposições e cursos variados relevando-se como ponto cultural público na vida da cidade. Um possível balcão de informações deverá ser equipado ainda de tal forma que o recepcionista tenha em mãos informações mais peculiares como horário e valor de espetáculos. Contudo, a venda de ingressos, propriamente dita, deve ser realizada em outro espaço específico.

Quanto ao desenvolvimento dos interesses manuais, pode-se utilizar a área verde externa, não priorizando a existência de um espaço próprio dentro do prédio do Centro Cultural. As atividades manuais podem explorar a oferta de materiais oriundos do manejo da vegetação de parque como folhas, fibras vegetais, madeira, resinas, flores, frutos e outros.

Já a prática de atividades inseridas no contexto dos interesses intelectuais requer espaço e tecnologias próprias. Assim, aproveita-se a biblioteca, instalada no prédio do Centro Cultural, podendo-se idealizar um espaço interno a ela, aconchegante e destinado à leitura de lazer (diferente da leitura de pesquisa uma vez que envolve um compromisso análogo ao de trabalho, envolvendo um interesse específico), ou mesmo a criação de uma extensão para tal finalidade. É relevante lembrar que as crianças, hoje, devem possuir espaços que as incentive ao desenvolvimento dos interesses intelectuais. Portanto, para readequar e/ou expandir a biblioteca, torna-se interessante um espaço infante/juvenil, enquanto área para desfrute e novas descobertas.

As atividades de interpretação da paisagem com a utilização de trilhas interpretativas e de um Centro de Visitantes, pode disponibilizar informações sobre o histórico remoto e recente da área, seu contexto geológico e o uso do espaço de seu entorno, destacando os atributos dos componentes da paisagem como flora e fauna, e a dinâmica dos ciclo hidrológico e da bacia hidrográfica. Para isto, cabe a utilização de tecnologia de informação e identificação por radiofrequência.

Aos interesses sociais cabe uma área para o café como um ponto de encontro. Deve ser instalada numa área aberta, extensiva ao Parque, convidativa à descoberta dos demais espaços do Centro Cultural, pois ela pode ser o primeiro ponto de parada dos visitantes assim como também pode ser o último ponto visto e, da mesma forma, não necessita de barreiras físicas, como paredes e divisórias, mas um lugar amplo e agradável, onde as pessoas sintam-se bem e criem relacionamentos sociais saudáveis. É importante a existência, além dos móveis normais para um café, mobiliário que permita a leitura ou, simplesmente, apreciação dos livros e revistas. Uma folhetaria com a oferta de material informativo da programação deve complementar o espaço.

Com referência aos interesses turísticos, cabe identificar que as ações realizadas no parque cumpram suas funções de atração de públicos diversos, de diferentes bairros da cidade e de cidades vizinhas. Assim, o deslocamento até o lugar, por si só, é resultante do processo de qualificação que enseja a apropriação de outros espaços e paisagens da cidade.

Priorizando o bom acolhimento dos usuários do parque, as entradas e portais no Lago Azul que ainda não são muito convidativos e até passam despercebidas, deveriam levar o usuário a sentir-se atraído e perceber que está sendo convidado a entrar. Um balcão de informações traz detalhes do que contém o conjunto do espaço e sua programação que, somado às pessoas preparadas para recepcionar os visitantes, são excelentes instrumentos de hospitalidade.

Futuras entradas ao sul e a oeste do parque, com balcões de atendimento aos usuários e visitantes, principalmente os que chegam pela primeira vez ao lugar, devem obter informações, como horário de funcionamento, possíveis tipos de atividades para determinado público, equipamentos existentes no local, circulação ou não de animais, bicicletas ou outros equipamentos no interior do parque, atividades culturais, sinalização, existência de policiamento, entre outros. Além disso, a possibilidade de um balcão informativo com painel ou quiosque digital também seria relevante para que o visitante pudesse se localizar e se informar, sentindo-se mais seguro e melhor atendido.

A figura 1 retrata a ala sul do parque, com a área verde separada pelo espaço urbanizado. A implantação de placas de propaganda indica a utilitarização do espaço, confirmando a incompatibilidade entre os modelos de gestão adotados.

Figura 1 - Ala sul do Parque Municipal Lago Azul.



Fonte: MOITA, L. R., 2007, p. 125.

Para que a visita ao Parque Municipal Lago Azul seja uma vivência é necessário que os equipamentos e serviços sejam implantados ou mantidos: pista de caminhada/Cooper adequada e sem obstáculos; bancos para descanso; lixeiras (podendo haver coletores seletivos em alguns pontos estratégicos); sanitários e bebedouros limpos e de fácil acesso.

Também necessita de área destinada às crianças, preservando-se espaços existentes mas adequando-os. Estes espaços já contêm equipamentos/ brinquedos decorrentes do paradigma funcionalista, fortemente marcado pelo conceito de *play ground* e de recreação controladora. É desejável que se expanda a área para outros espaços entre árvores e outros obstáculos, permitindo maior liberdade de ação e jogo entre adultos e crianças (HOUGH, 2004, p. 121) .

Bancos para descanso, com presença de árvores para prover sombra o dia todo, são muito adequados. O Parque Municipal Lago Azul é um espaço a ser 'usado', atravessado e contemplado e, neste sentido, deve-se dar atenção ao posicionamento dos bancos para descanso e para o olhar voltado à lâmina d'água. Quem frequenta o lugar para estabelecer uma conexão com o meio ambiente não construído, deve sentir-se acolhido e integrado com a natureza.

Outro ponto importante para a revitalização, na ala leste, onde se encontra a área administrativa do parque, é a manutenção do campo de bocha e, na ala norte, os campos de futebol, poliesportivo e *gateball* bem como a pista de *skate*, que deve ser readequada, pois tais equipamentos são fundamentais para o atendimento ao interesse físico. Relevante é estender a visão e verificar a necessidade de bicicletários próximos às entradas do parque para que o

público, em especial os jovens, que vêm utilizar as quadras, tenha local adequado para estacioná-las. Na verdade, se circular com bicicletas no interior do parque pode gerar conflitos; promover uma rede de ciclovias que demandem ao parque seria muito educativo e permitiria ao usuário perceber que este lugar está conectado a outros lugares da cidade.

A figura 2, destaca alguns espaços internos do parque, denotando espaços de recreação, como a trilha interna às áreas verdes, o parque infantil, no modelo *play ground*, e a superfície de água. Os troncos pintados são um claro sinal do predomínio do paradigma funcionalista.

Figura 2 - Corredores de vegetação: trilha interna; à esquerda, o lago; à direita, o parque infantil.



Fonte: MOITA, L. R., 2007, p. 119.

## Conclusão

Através da abordagem multidisciplinar, a qualificação do uso público do Parque Municipal Lago Azul decorre da exploração das possibilidades de formulação e de gestão existentes na interface entre lugar antropológico, lazer vivenciado e acolhimento hospitaleiro.

Deve-se considerar a conservação dos espaços não construídos (áreas verdes e águas superficiais) e dos espaços construídos (trilhas, campos esportivos, parque infantil, entre outros) como atrativos que, somados ao acolhimento que a busca do lazer oferece possa proporcionar a tomada de consciência dos cidadãos quanto à relevância do tempo de lazer como espaço de desenvolvimento pessoal e social. A busca da interação entre ser humano e

meio ambiente, mediada pela qualidade desenvolve potencialmente o respeito e o valor dos elos entre o eu, o próximo e o meio, numa só teia.

## Referências

- CAMARGO, L. O. de L. Os domínios da hospitalidade. In: DENCKER, A. de F. M.; BUENO, M. S. (orgs). **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. p. 7-28.
- DUMAZEDIER, J. **Sociologia Empírica do Lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- GRINOVER, L. **A hospitalidade, a cidade e o turismo**. São Paulo: Aleph, 2007, 191 p.
- HOUGH, Michael. 2 ed. *Naturaleza y ciudad: planificación urbana y procesos ecológicos*. Barcelona: Gustavo Gili, 2004, 315 p.
- MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 2002, 100 p.
- MOITA, L. R. **O papel das lâminas d'água no espaço urbano: atração ou repulsão**. O caso do Lago Azul de Rio Claro, SP. 2007. 178 f. Dissertação de Mestrado (Organização do Espaço) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.
- SARTI, A. C.; SARTI, F. A.; SIQUEIRA, E. S. Parques públicos e controle social. In: **Revista Eletrônica de Turismo (RETUR)**. Faculdade Cenecista Presidente Kennedy: Curitiba. Vol. 04, nº 1, maio/2005, p. 1-20.
- TUAN, YI FU. **Paisagens do Medo**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- TUAN, YI FU. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.
- VIEIRA, M. L. **Imagem turística de Itanhaém, litoral sul paulista**. 1997. 135 f. Tese. (Doutorado em Organização do Espaço) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1997.